

volume

26/2

Julho/2021
ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

dossiê: História das Mulheres e Gênero em suas diversas abordagens

*CAJÁ A primeira de dem #18 de q primeira de dem
especialidades em doces especialidades em doces
para casamentos, baptipara casamentos, bapti-
sados e banquetes. E' usados e banquetes. E' a
unica depositaria da unica depositaria da af-
mada Guarana Espumantada Guarana Espumant-
te e do excellent chocolate e do excellent choco-
late Laeta, fabricados em late Laeta, fabricados em
S. Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. Zo-
notta Leonardo & Capotta Leonardo & Ca-
.I Confeitaria Brasileira I Confeitaria Brasileira*



Hist. Rev. Pelotas Número 26/2 p.1-202 Jul. 2021

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitora

Isabela Fernandes Andrade

Vice-Reitora

Ursula Rosa da Silva

Chefe do Gabinete da Reitoria

Aline Ribeiro Paliga

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Eraldo dos Santos Pinheiro

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Fabiane Tejada da Silveira

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Paulo Roberto Ferreira Júnior

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Taís Ulrich Fonseca

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa
Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Victor
Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra
Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner

*Representantes da Área das Ciências Exatas e da
Terra:* Eder João Lenardão (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Biológicas:
Rosângela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e
Francieli Moro Stefanello

Representantes da Área das Engenharias:
Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde:
Fernanda Capella Rugno (TITULAR) e
Anelise Levay Murari

*Representantes da Área das Ciências Sociais
Aplicadas:* Daniel Lena Marchiori Neto
(TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e
Maria da Graças Pinto de Britto

Representante da Área das Ciências Humanas:
Charles Pereira Pennaforte (TITULAR),
Lucia Maria Vaz Peres e Pedro Gilberto da
Silva Leite Junior

Representantes da Área das Linguagens e Artes:
Lúcia Bergamaschi Costa Weymar
(TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João
Fernando Igansi Nunes

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda
Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel –
Profa. Beatriz Ana Loner*

Coordenadora:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof^ª Dra. Lorena Almeida Gill
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Prof^ª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof^ª Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFMS)

Prof^ª Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Prof^ª Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editoração e Capa: Ariane Regina Bueno da Cunha, Gabrielle Nogueira Oliveira e Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Companhia Fiação e Tecidos de Pelotas – RS .

Pareceristas ad hoc:

Ana Maria Sosa González – UFPel | Aristeu Lopes – UFPel | Carolina Bonilha – UFPel | Carolina Kesser – UFPel | Daniele Gallindo – UFPel | Elisiane Chaves – UFPel | Fernanda Fonseca Pereira – FURG | Hudson Carvalho – UFPel | Igor Simões – UERGS | Jonas Vargas – UFPel | Lennyse Bandeira – UFRJ | Lidianne Friderichs –

UFPel | Lisiana Lawson – FURG | Lorena Almeida Gill – UFPel | Márcia Chico – UFPel | Maria Clara Hallal – UFPel | Marislei Ribeiro – UFPel | Milena Ogawa – UFPel | Rita de Araujo Neves – FURG | Silvana Moreira – UFPel | Taiane Mendes - UFPel

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2021/1*

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online
Computer Library Center | Latindex | Livre:
Revistas de Livre Acesso | International
Standard Serial Number | Worldcat |
Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS -
CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

* obra publicada em agosto de 2021.



Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica.
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
v.26/2, (jul. 2021). – Pelotas: Editora da UFPel, 2021.

1v.

Semestral

ISSN 2596-2876

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica.
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)s autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

DOSSIÊ: HISTÓRIA DAS MULHERES E GÊNERO EM SUAS DIVERSAS ABORDAGENS

APRESENTAÇÃO

INTRODUCTION 7

DANIELE GALLINDO, ELISLANE CHAVES, SILVANA MOREIRA, TALANE MENDES

DISCUSSÕES SOBRE HISTÓRIA DAS MULHERES E GÊNERO

SEMPRE À MULHER, PELA MULHER: A COLUNA FEMINISMO NO JORNAL O PAIZ
(RJ) – 1927-1930 10

BEATRIZ BERR ELLAS, MÔNICA KARAWEJCZYK

O JULGAMENTO DA FAMÍLIA VANDEPUT: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM DA
MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA SOBRE O INFANTICÍDIO DE CORINNE (1962) 27

BRUNA ALVES LOPES, FRANCIELI LUNELLI SANTOS

MULHERES E A MIGRAÇÃO: TRAJETÓRIAS E MOTIVAÇÕES DE MIGRANTES
NORDESTINAS NA CIDADE DAS AVENIDAS 43

BRUNO CÉZAR PEREIRA, ALEXANDRA LOURENÇO

PERCEPÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA A PARTIR DA ÓTICA DE
AGRESSORES DE MULHERES 62

ELISLANE MEDEIROS CHAVES

COMPREENDAMOS, PARTILHEMOS DOS SOFRIMENTOS DA MULHER ESCRAVA:
DUAS IRMÃS E O ABOLICIONISMO EM PELOTAS E RIO GRANDE (1880-1888) 80

ETLANE CARVALHO NUNES

CORPO(S) E SEXUALIDADE(S) NO CINEMA PORNOGRÁFICO NO CONTEXTO DA
DITADURA CIVIL MILITAR: PERCEPÇÕES A PARTIR DAS PORNOCHANCHADAS
(1969-1986) 97

GABBIANA CLAMER FONSECA FALAVIGNA DOS REIS

O RISO DA INFÂMIA: ESTUPRO NO DRAMA SATÍRICO CÍCLOPE DE EURÍPEDES
MATEUS DAGIOS 114

“ELA DIZ QUE OS HOMENS É QUEM SÃO ESCRAVIZADOS”: ESTHER VILAR E AS
ORIGENS DO ANTIFEMINISMO COMO “GUERRA CULTURAL” **130**

SILVIANA FERNANDES MARIZ

GÊNERO, TRABALHO, GUERRA E PAZ NO REINO UNIDO: O IMPACTO DA
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E DO IMEDIATO PÓS-GUERRA NA VIDA DAS
TRABALHADORAS BRITÂNICAS (1939-1951) **153**

THIAGO ROMÃO DE ALENCAR

ARTIGOS LIVRES

O PALHAÇO DE REIS FLUMINENSE E SUA MÁSCARA: PERFORMANCE, RITUAL E
RELIGIOSIDADE **175**

CAROLINA DA SILVA RODRIGUES

SANTUÁRIO DO CARAÇA: MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS LUSO-BRASILEIROS NA
HISTÓRIA DE MINAS GERAIS **188**

RUDINEY AVELINO DE CASTRO SILVA, JÚLIA CALVO

MULHERES E A MIGRAÇÃO: TRAJETÓRIAS E MOTIVAÇÕES DE MIGRANTES NORDESTINAS NA CIDADE DAS AVENIDAS

WOMEN AND MIGRATION: TRAJECTORIES AND MOTIVATIONS OF NORTHEASTERN MIGRANTS IN CITY OF AVENUES

Bruno César Pereira¹

Alexandra Lourenço²

Resumo: Este artigo propõe analisar as trajetórias e motivações de migrantes nordestinas para a Cidade das Avenidas, Orlandia, localizada na região nordeste do Estado de São Paulo. Buscamos refletir sobre a variedade de motivos que levam as mulheres a migrar a partir de três entrevistas. Procuramos, também, problematizar o silêncio sobre as mulheres nos estudos sobre migração, afinal, boa parte dos estudos e pesquisas nas humanidades (Ciências Humanas e Sociais) que debatem sobre a temática costumam compreender tal fenômeno, quase sempre, como uma questão masculina, sendo ocultada ou invisibilizada a presença de mulheres nos fluxos migratórios. Neste sentido, esta investigação procura salienta o protagonismo feminino nos processos migratórios, retirando as mulheres migrantes das sombras dos homens.

Palavras-chave: Migração. Mulheres. Motivações. Trajetórias.

Abstract: This article proposes to analyze the trajectories and motivations of northeastern migrants to Cidade das Avenidas, Orlandia, located in the northeastern region of the State of São Paulo. We seek to reflect on the variety of reasons that lead women to migrate from three interviews. We also try to problematize the silence about women in migration studies, after all, a good part of the studies and research in the humanities (Human and Social Sciences) that debate about the theme usually understand this phenomenon, almost always, as a male issue, being the presence of women in migratory flows is hidden or made invisible. In this sense, this investigation seeks to shed light on female protagonism in migratory processes, taking migrant women out of the shadows of men.

Keywords: Migration. Women. Motivations. Trajectories.

Introdução

Existe uma considerável produção acadêmica que aborda a questão da migração nordestina no Brasil. Na História, na Geografia, na Sociologia e na Antropologia, avolumou-se a preocupação com a discussão e compreensão deste fenômeno a partir de diferentes abordagens teóricas.

Este fenômeno histórico, a migração nordestina para diferentes regiões do país, ocorreu ao longo de vários momentos nos últimos séculos. Estes migrantes se deslocaram para todas as regiões do Brasil, contudo, a migração para a região Sudeste, em especial para São Paulo, merece destaque.

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO, Campus Irati. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição. E-mail: bruno_o8cesar@outlook.com.

² Doutora em Ciência Política pela Universidade Nova de Lisboa (2012). Professora do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História (PPGH-Unicentro). E-mail: alels1@hotmail.com

Ao longo desta investigação buscamos compreender as motivações que guiaram o ato de migrar de três nordestinas que se deslocaram de sua região natal para região nordeste do Estado de São Paulo, em especial para a Cidade das Avenidas, Orlandia. Esta região, desde meados do final do século passado, se tornou grande polo de atração de migrantes nordestinos, sobretudo, devido à alta demanda de mão de obra gerada pelo setor sucroalcooleiro. Entretanto, salientamos que os nordestinos que migraram para esta região tiveram diversas ocupações, ligadas às colheitas de variados produtos como café, algodão, laranja, assim como executaram atividades no meio urbano, como, por exemplo, na construção civil.

Para as discussões que teceremos ao longo desta investigação, partiremos da narrativa de três mulheres: as piauienses Maria Dalva e Tays Coelho e a alagoana Luiza Marques. A partir dos depoimentos orais destas mulheres, coletados entre os meses de janeiro e março de 2020, buscaremos traçar algumas considerações acerca do processo migratório, enfatizando as motivações que as levaram a migrar para o Estado de São Paulo.

As entrevistas realizadas com estas mulheres foram “semiestruturadas”. Construímos um breve roteiro com perguntas que versavam sobre temáticas específicas, mas que trabalhavam também um pouco as trajetórias de vida dos sujeitos, as relações de vizinhança, amizades, dificuldades, preconceitos e acerca dos espaços de lazer e trabalho. Partindo de suas respostas outras perguntas foram realizadas, na busca de explorar questões que acreditamos serem importantes. Neste sentido, algumas informações obtidas ao longo das narrativas, levavam a outras perguntas que não estavam no roteiro até então pré-estabelecido. Para este estudo, optamos por selecionar um dos eixos de seus depoimentos orais, sobretudo selecionamos parte de suas narrativas que versam acerca de suas trajetórias e os motivos que as levaram a migrar.

As narrativas orais, mesmo sendo consideradas individuais, enquanto falam sobre si e sobre suas memórias, estão entrelaçadas a questões mais amplas, pois, o falar sobre si, acaba por envolver outros sujeitos, outras trajetórias, bem como, destacam contextos mais amplos que o seu dia a dia ou sua experiência. Partindo de Portelli (2016), e buscando destacar isto em nosso estudo, observaremos que a memória destas mulheres (individual), evidenciada através de suas respectivas narrativas, também pode ser compreendida enquanto uma memória social, que está dentro de um quadro de referências dos indivíduos que estão narrando as suas histórias.

Para melhor visualização das questões que trabalharemos neste artigo, optamos por dividi-lo em duas seções. Na primeira, dedicaremos nossas análises sobre as discussões dos movimentos migratórios, buscando compreender a migração enquanto um processo social, econômico e político, salientando que as causas da migração são tanto subjetivas quanto estruturais, assim abordaremos o porquê da escolha desta região como local para a migração.

Na segunda seção deste estudo, buscaremos, a partir das narrativas de Maria, Luiza e Tays, compreender as motivações que levaram estas mulheres a migrar e as redes de solidariedade que permitiram o processo migratório.

Como poderá ser observado nesta seção, as motivações que levaram estas mulheres a migrar, em um primeiro momento, podem ser compreendidas a partir das redes de parentesco. Contudo, o leque que compõe as motivações é mais amplo e pode ser constatado em suas narrativas. Falta de oportunidades de emprego, de terras, políticas públicas ineficientes, falta de saneamento básico, brigas familiares etc., estão presentes em seus depoimentos. Ao ampliarmos o foco sobre as motivações que levam as mulheres migrarem, podemos retirá-las do local de invisibilidade de acompanhantes dos familiares e explorar seu protagonismo como sujeitos nos processos migratórios. Tomamos as mulheres enquanto sujeitos que fizeram escolhas, que possuíam seus próprios sonhos e problemas.

O ato de migrar para estas mulheres pode corresponder a um conjunto de práticas socioculturais, que são adotadas na busca de resolver problemas estruturais que colocaram pressão sobre elas— individual ou coletivamente (NODARI, 2002). Neste sentido o ato de migrar busca modificar os problemas estruturais e particulares que viviam em suas cidades/regiões natais.

Ao buscarmos compreender alguns aspectos da migração de mulheres nordestinas, temos por objetivo central salientar o protagonismo feminino nos processos migratórios, pois, como destaca Angelin (2012), é necessário abandonar a perspectiva tradicional sobre a migração que torna as mulheres migrantes "invisíveis e ocultas à sombra dos homens" (ANGELIN, 2012, p. 74). Para além da mera inclusão das mulheres no processo, o que se pretende é romper com a perspectiva de um sujeito histórico masculino e considerar as relações estabelecidas em homens e mulheres migrantes. Neste sentido, “trata-se [...] da tomada de consciência ainda mais vasta: a da dimensão sexuada da sociedade e da história” (PERROT, 2019, p. 15). O reconhecimento da necessidade de se considerar as mulheres como sujeitos da história e buscar uma perspectiva relacional que rompa com a ideia de um sujeito masculino universal, promove uma compreensão mais ampla sobre o fazer historiográfico.

Migrantes nordestinos (as) com destino ao “mar de cana”

A migração nordestina, como discutida por Wilson Fusco e Ricardo Ojima (2015), ocorreu ao longo de vários momentos nos últimos séculos (XIX, XX e XXI). Como pode ser observado, a partir das análises destes pesquisadores, estes migrantes se deslocaram para todas as regiões do Brasil, contudo, a migração para a região Sudeste, em especial para São Paulo, merece destaque, sobretudo devido ao alto número de sujeitos que migraram para este Estado.

Tratando-se especificamente sobre a migração nordestina para o Estado paulista ao longo das primeiras décadas do século XX, Paulo Roberto Fontes (2002), salienta que a

migração se concentrou inicialmente na capital paulista e no seu entorno (região metropolitana). Segundo Fontes (2002) a migração ao longo deste período teria sido estimulada pelo governo paulista que buscava os chamados “trabalhadores nacionais” - principalmente nordestinos e mineiros. O autor destaca que estes sujeitos migrariam para a capital, contudo, não permaneceriam nela, ou seja, após sua chegada à capital, estes sujeitos seriam enviados a outras regiões do Estado, principalmente para as localidades que precisavam de “braços para a lavoura” - especialmente a de café, que no final da década de 1930 expandia-se geograficamente para as regiões da Alta Paulista, Alta Araraquense e Norte do Paraná (FONTES, 2002, p. 50).

A partir do final da década de 1930, o governo paulista assumiria a responsabilidade pela migração, segundo Fontes (2002), isto se daria a partir da criação da Inspeção de Trabalhadores Nacionais (ITN) ligado ao Departamento de Imigração e Colonização. Desta forma, o governo estadual assumiria a responsabilidade pela contratação e transferência dos trabalhadores, substituindo companhias especializadas – que até então eram responsáveis por tal tarefa. A ITN, assumiria a responsabilidade pela contratação e transferência dos trabalhadores para São Paulo (capital), e de lá, estes eram enviados às fazendas ao longo do Estado, bem como, parte destes migrantes se instalariam na capital e região metropolitana.

A partir da década de 1950, a migração de nordestinos e mineiros para o Estado de São Paulo deixaria de ser uma política governamental subsidiada pelo governo paulista. Contudo, a mobilização destes grupos não cessaria, pelo contrário, com a industrialização da capital paulista e de sua região metropolitana, a migração de nordestinos e mineiros para esta região aumentaria, mas, diferente das décadas anteriores, este novo fluxo seria “voluntário”.

Segundo Uvanderon Vitor da Silva o Brasil ao longo das décadas de 1950-1960 viveria “como projeto nacional” à industrialização. Entretanto, esta industrialização brasileira não atingiria a todas as regiões, ela se concentraria na região Sudeste, notadamente no Estado de São Paulo – principalmente na região metropolitana ou em suas imediações, como a Baixada Santista, Vale do Parnaíba e Campinas (SILVA, 2008).

Em um primeiro momento, as vagas geradas pelas indústrias em São Paulo foram ocupadas por trabalhadores rurais oriundos do interior paulista e Norte do Paraná – estas regiões, na época, passavam por um intenso processo de modernização. Foi somente “[...] em um segundo momento, [que] migrantes vindos de outras regiões do país - novamente com predominância dos nordestinos e mineiros – vieram para ocupar as vagas nas fábricas da capital paulista e municípios do entorno” (SILVA, 2008, p. 25).

Ainda ao longo desta década o interior paulista passaria a se caracterizar como importante polo econômico e, desta forma, se tornaria também uma área de grande atração populacional, principalmente de migrantes nordestinos. Partindo das análises de Rosana Baeninger (2002), ao debater acerca do contexto dos movimentos migratórios interestaduais para o Estado de São Paulo, a pesquisadora identifica que a atração de migrantes para o interior paulista, se deu pela desconcentração industrial da região metropolitana paulista e a

instalação de novas (e o desenvolvimento das antigas) indústrias na região interiorana. Este movimento, pode ser caracterizado como a “interiorização do desenvolvimento”, ocorrido, em maior ênfase, a partir da década de 1970.

Baeninger (2002) também pontua que com a pavimentação das principais rodovias que ligavam a capital ao interior (e a outros estados) - como a Via Anhanguera³, que liga a capital a região de Ribeirão Preto – facilitou o desenvolvimento e o processo de migração para a região interiorana do Estado.

São Paulo, nas décadas de 1970 a 2000, ainda seria o principal Estado de destino de migrantes nordestinos e, se tratando do interior paulista, mais especificamente da região metropolitana de Ribeirão Preto – palco das análises deste estudo – esta região receberia milhares de migrantes, especialmente a partir da segunda metade da década de 1970 devido à alta demanda de mão-de-obra para o trabalho na cana de açúcar (NOVAES, ALVES, 2007).

A migração nordestina para a região de Ribeirão Preto, como destaca Ely Souza Estrela (2003), não é algo recente, em seu estudo a pesquisadora identifica que esta região foi local de interesse de migrantes nordestinos do Alto-Médio São Francisco desde o início da segunda metade do século XX. Contudo, foi somente na década de 1960 que ocorreu o aumento do fluxo migratório para a região. Isto se deu, em grande parte, pelo desenvolvimento e ampliação da indústria canavieira. Em um primeiro momento, como salienta Francisco Alves (2007), ao longo da década de 1960 o Estado brasileiro, a partir do boicote dos Estados Unidos à produção açucareira cubana que teve como consequência o aumento internacional do preço do açúcar, “[...] implementou um vigoroso processo de modernização das usinas, com o aumento da capacidade de moagem e da área plantada” (ALVES, 2007, p. 25).

Da mesma forma, como destaca André de Mello Galiano (2010), na década seguinte, 1970, devido à crise energética de 1973, o preço do petróleo se elevou no mercado internacional, e a partir disto, a produção de álcool foi estimulada pelo governo brasileiro, chegando a criar o chamado Programa Nacional do Álcool (PROÁLCOOL) em 1975.⁴

Galiano (2010, p. 27), afirma que, "para atender à expansão da produção, o setor canavieiro do Estado de São Paulo, usineiros atrairiam trabalhadores da região Nordeste do Brasil, do Norte do Paraná e do Vale do Jequitinhonha [...]". No final do século, na década de 1990, a maioria dos trabalhadores nos canaviais da região metropolitana de Ribeirão Preto, eram de origem nordestina e possuíam como característica marcante serem “volantes”. Estes trabalhadores, que partem de sua cidade natal no Nordeste para trabalhar no corte da cana no Estado de São Paulo, ao finalizarem a safra (período de colheita), regressavam às suas cidades

³A Rodovia Anhanguera faz parte do sistema BR-050 que possui a extensão de 1.105 Km, ligando a cidade de Santos a capital federal, Brasília. No Estado de São Paulo a Via Anhanguera nasce a partir de seu Km 10, localizado na capital paulista e se encerra no Km 443 na divisa entre os Estados de São Paulo e Minas Gerais.

⁴O Proálcool, de maneira geral, consistia no oferecimento por parte do governo brasileiro de incentivos fiscais e empréstimos bancários com juros abaixo da taxa de mercado para os produtores de cana de açúcar adquirirem novas terras para o plantio e novas tecnologias. Ver: GALIANO, 2010.

de origem⁵, estes migrantes fixavam moradia nas cidades paulistas apenas no período que estavam trabalhando na colheita da cana. Desde o PROÁLCOOL, o setor canavieiro paulista viveu períodos de expansão, demandando maior número de trabalhadores, especificamente para a fase da colheita da cana-de-açúcar.

É neste contexto, de ampliação do setor sucroalcooleiro que centenas de migrantes se instalam na cidade de Orlândia. Muitos destes homens e mulheres, que inicialmente chegam à cidade como safristas, aos poucos optam por não retornar ao Nordeste ao fim da safra da cana e passam a viver em Orlândia (PEREIRA, 2021).

Estes migrantes, que optam por ficar, para conseguirem se manter no município nos períodos “entre safras” da cana, buscariam outras atividades que garantissem sua subsistência. Em especial as atividades voltadas ao trabalho rural, como nas colheitas de: café, laranja, amendoim, algodão, entre outros (PEREIRA, 2020). Entretanto, a partir da década de 1990, com o domínio da cana nas terras de plantio na região ficaria cada vez mais difícil para os migrantes (SILVA, 2011). Uma solução encontrada por eles, no contexto orlandino, foram as atividades na construção civil (como pedreiros e serventes), na palha (trabalhando na extração, dobra, ou dentro das palheiras)⁶ ou como domésticas e costureiras no caso das mulheres. Também havia os raros casos de migrantes que conseguiam trabalho nas indústrias locais.

Cabe salientar, que boa parte da produção acadêmica que tem destacado a migração nordestina para a região do “mar de cana” (Ribeirão Preto e zona metropolitana) possui como principais subtemáticas: as motivações (PEREIRA, 2020), as redes sociais que possibilitam a migração (GOMES, 2013), o trabalho executado pelos migrantes (NOVAES, ALVES, 2007; COSTA, 2010; CAVALIERI, 2010), os processos de atração e expulsão dos sujeitos (OLIVEIRA; JANUZI, 2005; MARINELLI, 2007), as discussões acerca da saúde dos trabalhadores, com destaque aqueles que executavam atividades nos canaviais (ALESSI; SCOPINHO, 1994; ALVES, 2006; GALLIANO, VETORASSI; NAVARRO, 2012; MORAES; PRIULI, 2011; NUNES; SILVA; CORDEIRO, 2016), bem como as análises acerca do cotidiano destes indivíduos nas cidades de destino, destacando as sociabilidades, espaços de moradia e as relações entre migrantes e moradores locais (ARAUJO, 2008; SOUZA, 2009; PEREIRA; SCHÖRNER, 2020, PEREIRA, 2020).

⁵Em Orlândia, como poderemos analisar nas páginas seguintes, estes trabalhadores volantes eram conhecidos como “safristas”.

⁶A extração da palha para a fabricação de cigarros artesanais é uma atividade tradicional de um município vizinho a Orlândia, Sales Oliveira. Este, pequeno município, possui pouco mais de 11 mil habitantes e 30% da economia desta cidade é derivada das mais de 100 empresas e microempresas que se dedicam a atividade da confecção de cigarros artesanais. A primeira etapa do processo de confecção de cigarros, trata-se da separação da palha do milho nas plantações, onde boa parte da mão de obra, desta primeira etapa, é proveniente da cidade de Orlândia (PEREIRA, 2020). Os demais processos, exceto a dobra (que normalmente ocorre na residência dos dobradores, que em boa parte também são moradores de Orlândia), ocorre dentro das palheiras, processo como: a separação das palhas por qualidade, o corte dos excessos, empacotamento e venda.

De modo geral, pudemos observar que estes estudos têm se concentrado, em sua grande maioria, sobre a população migrante masculina. Ou seja, ao se discutir sobre o trabalho, sobre as motivações ou sobre as redes sociais que permitem o processo migratório, se escreve sobre homens migrantes e suas relações no espaço. Sobre sujeitos que saem (ou são expulsos) de suas localidades natais em busca de melhores condições de vida, de trabalho etc.

Paulo Eduardo Angelin (2012), discute que boa parte dos estudos e pesquisas nas humanidades (Ciências Humanas e Sociais) costumam ser orientadas por valores tradicionais e patriarcais, onde "[...] a migração quase sempre foi contemplada como uma questão masculina, sendo ocultada a presença feminina nos fluxos migratórios" (ANGELIN, 2012, p. 70), acrescentamos ainda, que boa parte destas investigações, ao tratarem sobre a figura feminina nos processos migratórios tendem, também, a colocá-las enquanto sujeitos que migram somente para acompanhar a família, notadamente para acompanhar figuras masculinas, como o marido, filhos, pais, etc.

Como afirma Bassanezi em seu estudo sobre mulheres nas migrações internacionais “migrar é coisa de homem, costuma-se dizer sem pensar, sem atentar para estatísticas, fotos, depoimento, histórias de famílias. Sim as migrantes têm uma história” (BASSANEZI, 2018, p. 169). Além disso, elas também migram por motivações próprias.

Desde sempre elas têm migrado, frequentemente na companhia de familiares, amigos e conhecidos em busca de melhores condições de vida e trabalho; mas migram também sozinhas, não só a procura de emprego, mas de independência, de casamento, ou até para fugir de discriminações e violências (BASSANEZI, 2018, p. 169).

Ao longo da última década, pudemos notar, a partir da introdução dos estudos que tem destacado gênero enquanto uma categoria de pesquisa histórica (SCOTT, 1990), a adoção de novas perspectivas sobre o processo migratório, sobretudo de estudos que vem aos pouco incluído a figura feminina como protagonista neste processo.

Como destacam Mariângela Nascimento (2017) e Vitória Sacramento Moreira (2018), o fenômeno da migração, partindo do viés dos estudos de gênero, tendem a investigar este processo e as mulheres que fazem parte de tal enquanto sujeitos ativos, contrariando o estereótipo da mulher migrante como dependente e passiva. Ou seja,

No Brasil, os fluxos migratórios têm evidenciado a agência da mulher migrante, que migra não somente como acompanhante, mas também por iniciativa própria. Nesse sentido, é importante rejeitar o estereótipo da mulher migrante como dependente e passiva, uma interpretação que lhe retira a agência sobre seu desenvolvimento e seu poder de transformação das realidades nas quais se insere (MOREIRA, 2018, p. 52).

Partindo das considerações acima, buscaremos na segunda seção deste artigo destacar as motivações que levaram três migrantes nordestinas a se deslocarem de suas regiões natais para o “mar de cana”, mais especificamente para a Cidade das Avenidas, Orlândia. Ao longo da segunda seção observaremos que a motivação de migrar “para

acompanhar a família”, ou seja, motivação que as colocam as sobras de figuras masculinas, correspondem apenas a uma das motivações. Tal motivação, neste estudo não será pensada enquanto única, pois, o que motiva estas mulheres também corresponde ao desejo de mudança, seja social como economicamente. Desta forma, evidenciar outras motivações que guiam o ato de migrar destas mulheres colocam-nas enquanto protagonistas deste processo, passam a ser sujeitos ativos, não mais meras coadjuvantes.

Nordestinas com destino a Cidade das Avenidas: narrativas, trajetórias e motivações

Ao longo da primeira seção deste estudo, destacamos que a migração nordestina para São Paulo não corresponde a uma temática nova, ou seja, nas últimas décadas avolumou-se o número de investigações no campo das Ciências Humanas e Sociais que se debruçaram sobre este tema.

Entre os principais debates destes campos do saber, que envolvem a temática da migração, as suas motivações têm grande destaque. Contudo, partindo da investigação realizada por Kleber Fernandes de Oliveira e Paulo de Martino Jannuzzi (2005), foi observado que os motivos da migração nordestina tem sido um tema pouco levantado em pesquisas amostrais no país e, de maneira geral, quando debatidos estes tendem a se resumir na “busca por trabalho”. Oliveira e Jannuzzi (2005) destacam que:

Os modelos explicativos e esquemas interpretativos do fenômeno migratório, de abordagem macro ou micro-social, inspirados em escolas clássicas ou histórico-estrutural, atribuem aos desequilíbrios espaciais de natureza econômica a determinação básica dos fluxos migratórios. As desigualdades das taxas de crescimento econômico, da oferta de empregos e de nível de salários tenderiam criar áreas propensas à evasão populacional e áreas destinadas à atração migratória, originando fluxos de pessoas em busca de trabalho ou melhores rendimentos (OLIVEIRA; JANNUZZI, 2005, p. 135).

Como é apresentado ao longo das investigações destes pesquisadores, outras motivações devem ser levadas em consideração, em especial as “micro-sociais”. Para Edson Bastos Marinelli (2007), entre as motivações que levam milhares de sujeitos a migrar da região Nordeste ao Sudeste, notadamente para o Estado de São Paulo, esteve, e ainda está ligado diretamente a questões estruturais, que, segundo ele, se agrava, devido “as políticas públicas pouco eficazes para a região nordeste [que] acabam por favorecer a migração” (MARINELLI, 2007, p. 4).

Retomando a proposta de Oliveira e Jannuzzi (2005, p. 135), estes destacam que “a disponibilidade de serviços públicos e políticas sociais nas áreas mais dinâmicas constituiriam-se também em fatores potencializadores do fenômeno”. Da mesma forma, outras motivações ainda devem ser destacadas, como as baseadas na busca por moradia, educação, dificuldades no relacionamento familiar e acompanhar a família.

Notadamente, este último motivo, segundo as investigações dos autores, partindo das análises da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD (2001), esteve ligado diretamente ao público feminino. Sobre isto, os pesquisadores identificam que:

[...] o quesito acerca dos motivos de migração foi aplicado a todos os indivíduos que fizeram um deslocamento nos últimos quatro anos, indistintamente da idade. Assim, é natural que, para cada chefe de família que declarasse migrar em busca de trabalho, houvesse cônjuge e filhos que declarassem que o deslocamento decorria – para eles – como a necessidade de acompanhar o chefe ou os pais (OLIVEIRA; JANNUZZI, 2005, p. 135).

A partir dos dados coletados, os autores salientam que “entre as mulheres, 63% declararam migrar pela necessidade de acompanhar a família, enquanto entre os homens, a cifra correspondente é significativamente mais baixa (39,6%)” (OLIVEIRA; JANNUZZI, 2005, p. 136).

Contudo, cabe uma problematização acerca de tais dados, sobretudo, pois esta motivação, como já supracitado ao longo desta investigação, acaba por invisibilizar a migração feminina, tornando-as coadjuvantes neste processo. De fato, a própria construção do indicativo masculino “o chefe da família”, despreza a possibilidade da mulher como chefe da família⁷ em um país que possui dados formais indicando essa realidade nos arranjos familiares brasileiros⁸. É importante lembrar que a forma como as pesquisas e estatísticas são organizadas podem gerar a invisibilidade das mulheres (PERROT, 2019).

Em relação ao município de Orlândia, notadamente os primeiros migrantes do fluxo migratório 1980-2010, em um primeiro momento eram sazonais (volantes), e se fixariam no município apenas durante o período do corte da cana (durante a safra – colheita), terminado este período, estes migrantes retornavam às suas cidades de origem (PEREIRA, 2020; PEREIRA, 2021).

Aos poucos, alguns destes sujeitos abandonam a característica de migrantes “volantes”, ou seja, alguns optam por residir na cidade de Orlândia, para além dos períodos de safra da cana. Estes homens e mulheres migrantes, que optam por ficar, para conseguirem se manter no município nos períodos “entre safras” da cana, como já indicamos anteriormente, buscaram outras atividades que garantissem sua subsistência.

Maria Dalva, piauiense, natural do município de Novo Horizonte, chegou em Orlândia no início dos anos de 1980, ela nos relata que estava entre a “turma dos que ficaram”, no seu caso, o seu marido, Manoel, era safrista desde 1977, e sempre fazia o trajeto

⁷“Ao longo dos anos, a PNAD apresentou algumas características mais conservadoras que o censo e, em outras, mais avançadas. Por exemplo, os manuais de instrução do início da década de 1970 explicitavam que quando existisse um casal, o homem deveria ser registrado como o chefe. Em outros alertavam que a mulher não poderia ser chefe” (CAVENAGHI; ALVES, 2018, p. 54).

⁸“As famílias chefiadas por homens aumentaram somente 13% no período em questão, passando de 37,4 milhões em 2001 para 42,4 milhões em 2015. Já o número de famílias chefiadas por mulheres dobrou em termos absolutos, aumentando 105% em 15 anos, passando de 14,1 milhões em 2001 para 28,9 milhões em 2015” (CAVENAGHI; ALVES, 2018, p. 54).

São Paulo-Piauí, até que, ao arrumar emprego em uma usina e saindo do trabalho na roça, conta que:

[...] acabou mandando buscar a família, ai a gente veio direto pra cá, e daí, a gente sempre morou aqui, não, eu morei um ano em São Joaquim [Cidade vizinha a Orlândia], mas ai foi só pouco tempo, ai a gente já voltou pra cá, ai esse tempo todinho eu moro aqui” (MARIA, 2020).⁹

Maria relata que em Orlândia executaria a atividade empregatícia que já efetuava no Nordeste, ou seja, na cidade paulista a migrante trabalhou por mais de 20 anos como costureira. Por muitos anos a migrante trabalhou vinculada a uma empresa local, fazendo uniformes para escolas e empresas da cidade. Mas, ao final da década de 2010, Maria abriria sua própria microempresa na garagem da sua residência no Conjunto Habitacional José Vieira Brasão. Neste local empregou várias outras mulheres, sobretudo, migrantes nordestinas.

Eu abri aqui um negócio de costura, aqui, onde era a garagem, depois fizemos um cômodo, quando juntamos um dinheirinho. Aqui trabalhou comigo mais umas seis, sete [mulheres] já, todas migrante também. A gente arrumou emprego pra elas, comecei a ter muito trabalho, e ia contratando, elas não tinham muitas oportunidades aqui, era gente desconhecida, ninguém da trabalho, ai fui arranjando pra elas. Um ajuda o outro né? (MARIA, 2020).

Na narrativa desta migrante podemos observar um importante ponto com relação aos processos migratórios, as redes de solidariedade. Neste relato Maria evidencia as dificuldades encontradas por muitos sujeitos que migram, o “não ser conhecido” e o desconhecer o local. Os estranhamentos gerados pelo processo de migração, com o espaço, hábitos, costumes etc., tendem a ser reduzidos a partir do processo de “socialização dos recém-chegados” (ESTRELA, 2002).

Esta socialização ocorria mais efetivamente quando os sujeitos possuíam alguns familiares no novo espaço. No caso de Maria Dalva, a socialização desta foi realizada por seu marido, que já conhecia o local, trabalhando na região há alguns anos (desde 1977), e a socialização dele foi realizada por um outro migrante, Sr. Chico Trajano, que vivia na cidade desde a década de 1950.

Então, para Maria, não se tratava somente de “seguir” o marido, mas de realizar suas aspirações. Por ter conhecimento na atividade de costura e ter conseguido emprego, foi possível se tornar protagonista na construção do seu futuro e ainda, um possível ponto de apoio para outras mulheres migrantes nordestinas. Reduzir sua experiência à sombra do marido, limita nossa compreensão sobre a vida de homens e mulheres migrantes como ela. Podemos observar esse protagonismo e aparente sentimento de conquista, na frase “Eu abri aqui um negócio de costura”. Observe que neste ponto a fala não remete a conquista do casal, mas dela, pessoa que tem uma habilidade. Todavia, o trabalho é em prol da família e ali

⁹Maria Dalva dos Santos Borges, 62 anos, costureira, natural de Novo Oriente-PI. Entrevista realizada em sua residência, avenida Y, em 17 de fevereiro de 2020.

as forças andam juntas. Ao falar da construção do espaço para o seu negócio, a pessoa da frase é utilizada no plural, “depois fizemos um cômodo, quando juntamos um dinheirinho”.

No caso de Tays Coelho, piauiense, natural do município de Aroazes, ela migrou junto a sua mãe e irmã no ano de 2008, a partir do convite de alguns familiares (tios) que trabalhavam no corte da cana e já haviam migrado no início dos anos 2000.¹⁰ Tays, relata que seus familiares sempre “pintaram” a cidade de Orlândia como um rol de oportunidades de emprego, mas levou oito anos para seus tios convencerem sua mãe a migrar. Outro fator importante para tal ato foi o grande número de amigos e conhecidos que optaram também por migrar para o Estado de São Paulo no mesmo período.

Assim, como destaca Tays, o processo de socialização foi, nas palavras da entrevistada: “mais tranquilo” pois “já tínhamos parentes aqui né, no começo a gente estranhou bastante, mas só que como já temos gente aqui, que são conhecidos foi fácil pra gente se adaptar” (TAYS, 2020).

Mesmo com apoio e estímulo dos tios e conhecidos, esse caso é particularmente interessante pois a decisão de migrar foi feminina. Foi a mãe de Tays, como chefe da família, que se lançou nas trilhas do desconhecido, da aventura em sua concepção não romantizada. Afinal, ela era a responsável pelo provimento da família.

Reduzir a decisão da mãe de Tays à simples resposta submissa ao convite dos tios e conhecidos homens seria uma reprodução dos estereótipos nos quais as mulheres foram consideradas por filósofos e pensadores, dos séculos XVIII e XIX, como criaturas sem condições intelectuais para realizar suas escolhas e conduzir e traçar o seu caminho (PERROT, 2019).

Segundo o depoimento de Tays, na cidade de Orlândia sua mãe executaria a atividade doméstica, enquanto ela e sua irmã estudariam. Em sua narrativa a migrante destaca que a vinda para Orlândia proporcionou um ótimo ambiente para os estudos e um desenvolvimento econômico para sua família, visto que em sua cidade natal o sistema educacional possui sérios problemas, bem como a falta de empregos norteou a decisão da migração.

A tarefa desenvolvida pela mãe de Tays confirma o que outros estudos têm apontado sobre o trabalho das mulheres, principalmente nos casos das migrantes, ou seja, a atividade desempenhada tende a ser uma extensão das tarefas que já realizam no espaço doméstico. Assim, a atividade feminina, vista muitas vezes como continuidade da sua natureza voltada aos cuidados, pode ser menos valorizada.

Com relação à terceira migrante, Luiza Marques da Silva, alagoana, natural do município de Arapiraca, ela nos relata que migrou no início dos anos 2000, inicialmente para capital paulista, junto a seu marido e filhos.¹¹ Na capital, Luiza ficaria poucos anos e

¹⁰Tays Coelho de Assis, 24 anos, conferente de mercadorias, natural de Aroazes-PI. Entrevista realizada em sua residência (Bairro Jardim Boa Vista), em 14 de março de 2020.

¹¹ Luiza Marques da Silva, 55 anos, dobradora de palha, natural de Arapiraca-AL. Entrevista realizada em sua

novamente migraria, inicialmente para Minas Gerais e em meados de 2005 para a cidade de Orlândia. A opção de migrar para a Cidade das Avenidas se deu a partir de um convite de sua irmã, que já se encontrava morando nesta cidade. As motivações que guiam a migração de Luiza correspondem à falta de oportunidade de empregos em sua cidade natal, bem como nos relata a ausência “de um chão pra gente, lá não tinha isso pra nós”.

Com Luiza observamos outro protagonismo entre mulheres que migram, pois o convite partiu de sua irmã. Como afirma Maria Silvia Bassanezi, migrar é assustador e solitário para as mulheres, então, o apoio e presença da irmã poderia, talvez, atenuar esse sentimento (BASSANEZI, 2018).

Luiza em seu depoimento destaca que em toda sua vida trabalhou na roça, nas colheitas de algodão e de fumo no Nordeste. E, em Orlândia, também executaria atividades no meio rural, inicialmente na cana de açúcar, trabalhando como “bituqueira”¹² e posteriormente trabalhando com a palha seja na extração na roça, bem como em sua residência trabalhando como dobradeira.

Segundo Matos e Borelli, com as mudanças implementadas após os anos de 1960 e o surgimento do trabalhador rural ‘boia-fria’, contratado para trabalhos sazonais a vida das mulheres se tornou mais dura, seu trabalho agora se desenvolve de forma individualizada e não mais como parte da produção familiar. Os autores salientam que “no corte de cana, na colheita de laranja, do café, do algodão, entre outras culturas, cresceram as dificuldades cotidianas das mulheres do campo” (MATOS; BORELLI, 2018, p. 140). Essa realidade foi expressada por Luiza ao discorrer sobre as atividades desenvolvidas em Orlândia. Ela relata que o trabalho na roça foi sempre desgastante. Em ambos os trabalhos, seja na cana como na palha, os ganhos correspondiam a produção e não possuía direitos trabalhistas como férias, licenças (maternidade, acidente etc.), entre outros.

Além da maternidade sem qualquer forma de apoio, como indica Luiza, é possível que a sobrecarga decorrente da própria atividade, vivenciada como “coisa de mulher” com a atribuição dos cuidados dos filhos, acarretasse uma menor parcela de tempo para o trabalho na lavoura e por consequência um ganho menor que dos homens.

Ao analisar a história das mulheres trabalhadoras no espaço rural, Mattos e Borelli (2018, p. 140) afirmam que, “[...] em comparação com os homens, os ganhos que essas trabalhadoras recebem são inferiores aos masculinos, em função da menor produtividade. Além disso elas estão mais expostas a situações de assédio sexual e moral, escárnio e violência durante o trabalho”.

residência, avenida Y, em 28 de janeiro 2020.

¹² Esta atividade corresponde a juntar “restos” da cana deixados pelos trabalhadores e pelas máquinas (guichos). As “bitucas”, que se assemelhavam, em certa medida, às “bitucas de cigarro”, são coletados por agrupamentos de mulheres convencionalmente denominadas “bituqueiras”. “Estas mulheres ‘catam’ estes restos de cana que ficam na área de corte e juntam em pequenos montes para que, em seguida, os guinchos passem novamente. Convém destacar, ainda, que esta atividade de ‘limpeza’ não se restringiria ao espaço da área de corte, mas, também, às estradas pelas quais os caminhões de transporte passam” (ENOQUE, et al, 2013, p. 8).

Estas atividades, acabaram por gerar diversos problemas em sua saúde, principalmente na coluna, devido as diversas horas em uma mesma posição.¹³

A gente sempre foi de trabalhar na roça né, mas ai ta o problema, nunca contribuiu, nunca foi registrado, o ganho as vezes era bom, bem bom, comprei muita coisa assim aqui na cidade, mas do que adianta o ganho ser tão bão, eu agora to aqui tentando me afastar por causa do problema na coluna, mas como que vo se não contribuía [INSS] (LUIZA, 2020).

Nos relatos destas três mulheres, que nos narram sobre suas trajetórias de saída do Nordeste e chegada em São Paulo, podemos observar diversas motivações. Luiza e Maria, destacaram entre os seus motivos, a falta ou precariedade de serviços básicos (como saúde e educação), assim como os problemas causados pelas secas e fome. Com Tays, estas mesmas motivações são repetidas, e a partir das memórias de sua mãe, ainda relata a falta de terras em sua cidade natal, está mesma questão também é apresentada por Luiza.

Sobre esta última motivação, a falta de terras, ou melhor, a concentração destas nas mãos de poucos, Olavo Ivahóé de Bacellar e Gerson Portela Lima em um estudo no início da década de 1990, sobre as *Causas e tendências do processo migratório piauiense*, afirmam que a concentração de terras nas mãos de grandes latifundiários obrigou milhares de piauienses a migrar para outras cidades e Estados do Brasil.¹⁴

Os motivos que levaram estas mulheres a migrar variam entre a busca por trabalho, para acompanhar a família e o anseio por melhores condições de vida (saúde e educação). Neste sentido, concordamos com a proposta de Oliveira e Jannuzzi (2005), a partir do caso de Orlândia, de que, o leque que compõe as motivações do “ato de migrar” é variado.

Ao longo dos depoimentos destas mulheres, pudemos observar que a família possui grande destaque nas questões que tocam as motivações. Como destaca Patrícia de Lima Silva:

[...] a família, não só norteia a disposição de partir, mas também aparece como parte fundamental na tomada de decisão, de tal modo age sob a forma de um elo necessário entre os que vão embora e os que ficam. Assim, podemos entender esse elo em duas perspectivas de ação: o elo efetivo e o elo afetivo. Por essa perspectiva em que a família se enquadra, não podemos dissociar uma relação da outra, não há como separar a efetividade e afetividade imbuídas na trajetória migratória. É necessário perceber a participação familiar como elo efetivo/afetivo uma vez que age como frente de apoio dando condições físicas e emocionais tanto na partida quanto na chegada, ela atua como suporte necessário na minimização das dificuldades dos contrastes impostos pelo deslocamento (SILVA, 2020, p. 112).

¹³ Sobre o trabalho de mulheres migrantes nos canaviais consultar: Vânia Cláudia Spoti Caran et al (2012) e Enoque et al (2013).

¹⁴ Ainda sobre a migração piauiense e suas motivações, indicamos a leitura do estudo de Ana Luiza dos Santos Costa (2011), *A Migração piauiense e as atividades sucroalcooleiras em Morro Agudo (SP)*, que corresponde a sua dissertação de mestrado defendida no ano de 2012.

Tays, Dalva, Luiza e muitas outras migrantes chegam à cidade de Orlândia, através do convite de familiares. No caso das duas primeiras este convite parte de figuras masculinas (marido e tios), e de Luiza, o convite vem de sua irmã.

Todavia, mesmo que o ato de migrar para estas mulheres esteja ligado, em seguir a família, isto enquadra-se apenas como uma das motivações. Ao longo dos depoimentos destas mulheres, estas inicialmente, apontam enquanto motivo central acompanhar figuras masculinas (esposo, tios, entre outros), contudo, na continuidade do relato, elas relembram e destacam outras questões que impulsionaram sua ação, como a falta de infraestrutura básica (saúde e educação) e políticas públicas, as secas, a fome e a falta de empregos nas regiões de origem destas mulheres.

Observe que as mulheres são socializadas no mesmo modelo androcêntrico que os homens do seu convívio, são disciplinadas a compreender o espaço das mulheres associado a família. E, neste sentido, acompanhar a família ou acatar a sugestão de um membro masculino do seu convívio, oferece uma explicação confortável para sua decisão de migrar. Ela não seria uma aventureira, mas uma mulher que segue a família. A despersonalização dos seus sonhos individuais e a transferência para a esfera da realização do bem-estar da família é o que a sociedade espera delas. As mulheres não são instruídas para valorizarem sua própria história, sua individualidade, pois a família vem antes (PERROT, 2019).

Também é preciso considerar que as motivações aparentemente individuais (trabalho, saúde, educação, acompanhar a família), correspondem a parte de uma estrutura migracional que evidencia uma região do país marcada pela falta ou precariedade de serviços básicos (como saúde e educação), falta de empregos e de terras para todos (COSTA, 2011), de maneira geral um Nordeste “feito de fome, elites e interesses” (PRADO, 2019), também marcado por “desigualdades socioespaciais” (CASSIA, 2015).

Mesmo que nas últimas duas décadas (2000-2020) este cenário tenha começado a mudar, com o desenvolvimento de políticas públicas e incentivos federais e estaduais à abertura de empresas/indústrias na região (GONÇALVES; MONTENEGRO; AGRA, 2017), a contínua melhora da condição econômica na região Nordeste (foi a renda que mais cresceu até 2009), em números absolutos, ainda é a região que apresenta a renda média mensal mais baixa (Nordeste: R\$ 734,00; Norte: R\$ 921,00; Sul: R\$ 1.251,00; Sudeste: R\$ 1.255,00; Centro-Oeste: R\$ 1.309,00; dados referentes a 2009) (IBGE, 2012).

O ato de migrar corresponde a um conjunto de práticas socioculturais, partindo da perspectiva de Nodari (2002), que foram adotadas na busca de resolver problemas estruturais que colocaram pressão sobre os sujeitos – individualmente ou coletivamente, e fizeram com que migrassem para a cidade de Orlândia na busca de modificar os problemas estruturais e particulares, com os quais viviam em suas cidades/regiões natais. Salienta-se ainda, que mesmo que as motivações variem para cada uma, elas se cruzam de diferentes formas, ou seja, alguns destes sujeitos (homens e mulheres) não migram apenas por um motivo, como a falta de trabalho ou acompanhar a família, mas também, pela precariedade de

serviços como saúde e educação, a falta de políticas públicas com a região de naturalidade ou a indisponibilidade de terras.

Considerações finais

Ao longo desta investigação buscamos destacar as motivações que guiaram o ato de migrar de três nordestinas. Nossa proposta visou visibilizar que este “ato” se encontra permeado de diversas questões e não somente aquela, que tradicionalmente é discutida nos estudos sobre os motivos que levam migrantes nordestinas a se deslocarem para a região Sudeste brasileira, qual seja, a de acompanhar a família.

Como evidenciado, ao longo dos últimos anos tem se avolumado o número de estudos que destacam a figura feminina nos processos migracionais, para além de coadjuvantes. Estas mulheres, sobretudo as três apresentadas neste estudo, mostram que o ato de migrar para elas correspondeu a algo além de acompanhar suas famílias. Estas buscavam também melhorar condições em suas vidas, seja econômica ou socialmente.

Contudo, este estudo pode ser compreendido enquanto exploratório, pois, existe ainda uma lacuna nas investigações no campo das Ciências Humanas e Sociais que abordem a temática da migração, bem como redes que possibilitam a migração de mulheres nordestinas para a região do “mar de cana”.

Desta forma, acreditamos que ainda é necessário um amplo e profundo estudo que aborde as temáticas apresentadas aqui, quais sejam, as motivações e redes que possibilitam a migração, bem como outros subtemas que perpassam estas questões.

Na esteira das discussões do campo das humanidades, aos poucos novos sujeitos, excluídos até então, vem sendo visibilizados por diversos estudos destas ciências. Neste sentido, este artigo buscou trazer luz a um campo que se encontra em constante crescimento, proporcionando um espaço essas pessoas, no caso, as mulheres migrantes, falem e se expressem evidenciando que conscientemente migram para além de simplesmente seguir alguém, mas migram na busca de melhorar suas condições, sejam elas quais for. As histórias destas mulheres migrantes nordestinas demonstram a importância de um olhar atencioso que inclua as mulheres com sujeitos no processo.

Fontes (Entrevistas)

Luiza Marques da Silva, 55 anos, dobradora de palha, natural de Arapiraca-AL. Entrevista realizada em sua residência, avenida Y, em 28 de janeiro 2020.

Maria Dalva dos Santos Borges, 62 anos, costureira, natural de Novo Horizonte-PI. Entrevista realizada em sua residência, avenida Y, em 17 de fevereiro de 2020.

Tays Coelho de Assis, 24 anos, conferente de mercadorias, natural de Arozes-PI. Entrevista realizada em sua residência (Bairro Jardim Boa Vista), em 14 de março de 2020.

Referências bibliográficas

ALESSI, Neiry Primo.; SCOPINHO, Rosemeire A. A saúde do trabalhador do corte de cana-de-açúcar. In: ALESSI, Neiry Primo. *Saúde e trabalho no Sistema Único de Saúde*. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 121-151.

ALVES, Francisco. Por que morrem os cortadores de cana? *Saúde e Sociedade*, v. 15, n. 03, 2006, p. 90-98.

ANGELIN, Paulo Eduardo. *Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero e arranjos familiares*. Tese (Doutorado em Sociologia), São Carlos: Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, 2012.

ARAÚJO, IlzeArduini de. *Experiências de migrantes nordestinos em Uberlândia: estranhamentos, preconceitos e estratégias de pertencimento*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia - UFU, 2008.

BACELLAR, Olavo Ivahoé de B. LIMA, Gerson Portela. *Causas e tendências do processo migratório piauiense*. Carta CEPRO. Teresina: Fundação CEPRO, 1990.

BAENIGER, Rosana Baeninger. *Regiões, metrópole e interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes – Brasil 1980-1996*. Tese (Doutorado em Sociologia), Campinas: Universidade de Estadual de Campinas – UNICAMP, 2002.

BASSANEZI, Maria Silvia. Mulheres que vêm, mulheres que vão. In: PINSKY C. B.; PEDRO, J. M. *Nova História das mulheres no Brasil*. 1ª ed., 3ª reimpressão, São Pulo: Contexto, 2018, p. 169-193.

CÁSSIA, Rita de. Políticas públicas no Nordeste do Brasil: a produção de enclaves e de desigualdades socioespaciais. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, n. 08, 2015, p. 11-31.

CARAN, Vânia Cláudia Spoti; MENDES, Aida Cruz Mendes; COSTA, Maria Luiza Costa; SILVEIRA, Renata Cristina da Penha; ROBOZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz. A história vida e trabalho das mulheres do corte da cana-de-açúcar. In: VIII Seminário de Saúde do Trabalhador. Franca: *Anais do VIII SST*, 2012, p. 1-12.

CAVALIERI, Lúcia. *Migração e reprodução social: tempos e espaços do cortador de cana e de sua família*. Tese (Doutorado em Geografia), São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 2010.

CAVENAGHI, Suzana; ALVES, José Eustáquio Diniz. *Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios*. Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018.

COSTA, Maria Luiza dos Santos. *A migração pianense e as atividades sucroalcooleiras em Morro Agudo (SP)*. Dissertação (Mestrado em Geografia), Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia - UFU, 2011.

ENOQUE, Alessandro Gomes; BORGES, Alex Fernando; ALMEIDA, Lorrana Laila Silva de, SANTOS, Aline Cordeiro dos. “Penduradas no tempo...”: Representações sociais do trabalho feminino na atividade de corte de cana-de-açúcar na região de Ituiutaba-MG. In: IV Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho. Brasília: *Anais do IV EnGRP*, 2013, p. 1-16.

ESTRELA, Ely Souza. *Os sampaulenses: cotidiano e representação*. São Paulo: Humanitas/Educ, 2003.

FONTES, Paulo Roberto. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. Tese (Doutorado em História), Campinas: Universidade de Estadual de Campinas – UNICAMP, 2002.

GALIANO, André de Mello. *Trabalho e migração: estudo com jovens trabalhadores no corte da cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto – SP*. Dissertação (Mestrado em Ciências, área de concentração: Psicologia), Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo – USP, 2010.

GALIANO, André de Mello; VETTORASSI, Andréa; NAVARRO, Vera Lúcia. Trabalho, saúde e migração nos canaviais da região de Ribeirão Preto (SP), Brasil: o que percebem e sentem os jovens trabalhadores? *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 37, n. 125, 2012, p. 51-64.

GOMES, Monalisa Borges. *Os Turmeiros no agronegócio canavieiro: mediadores dos trabalhadores migrantes e da usina*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, 2013.

GONÇALVES Hugo Feitosa; MONTENEGRO, Rosilene Dias; AGRA, Nadine Gualberto. Desenvolvimento do nordeste nos governos FHC e Lula. In: VIII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional: Territórios, Redes e Desenvolvimento Regional: Perspectivas e Desafios, Santa Cruz do Sul: *Anais do VIII SIDR UNISC*, 2017, s/p.

MARINELLI, Edson Bastos. A saga do migrante nordestino em São Paulo. *Revista Educação - UNG – SER*, v. 02, n.01, 2007, p. 03-17.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY C. B.; PEDRO, J. M. *Nova História das mulheres no Brasil*. 1ª ed., 3ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2018, p. 126-147.

- MORAES, Maria Silva de; PRIULI, Roseana Mara Aredes. Migração e Saúde: os trabalhadores do corte da cana de açúcar. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana - REMHU*, n. 37, 2011. p. 231-245.
- MOREIRA, Vitória Sacramento. Migrações Femininas e a Nova Lei de Migrações. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 04, n. 04, 2018, p. 50-77.
- NASCIMENTO, Mariângela. Imigração da mulher latina no Brasil. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 03, n. 01, 2017, p. 114-136.
- NODARI, Eunice Sueli. Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras. *Esboços: História em Contextos Globais*, v. 10, n. 10, 2002, p. 29-51.
- NOVAES, José Roberto; ALVES, Francisco. *Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos: EdUFSCar, 2007.
- NUNES, Danielle Milenne Príncipe; SILVA, Marcelo Saturino da; CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. A experiência de trabalho e dos riscos entre os trabalhadores-migrantes nordestinos nos canaviais paulistas. *Saúde e Sociedade*, v. 25, n. 04, 2016, p. 1122-1132.
- OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. *Migrações nordestinas no século 21: um panorama recente*. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 2015.
- OLIVEIRA; Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino Jannuzzi. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 04, 2005, p. 134-143.
- PEREIRA, Bruno César; SCHÖRNER, Ancelmo. O que é ser “piauí”? A representação dos migrantes nordestinos em um município paulista (1980-2020). *Boletim Historiar*, v. 07, n. 02, 2020, p. 73-94.
- PEREIRA, Bruno César. Periferia, migração e cotidiano: notas acerca da inserção de migrantes nordestinos em um pequeno município paulista (1990-2010). *Revista História UEG*, v. 09, n.01, 2020, p. 01-10.
- PEREIRA, Bruno César. Motivos para migrar... Motivos para ficar: trajetórias de migrantes nordestinos em Orlandia-SP (1980-2010). *Revista Aedos*, v. 12, n. 27, 2020, p. 194-214.
- PEREIRA, Bruno César. O Nordeste, a usina e a cidade: trabalho e migração na região do “mar de cana” (1980-2010). *Revista Espaço Acadêmico*, v. 20, n. 231, 2021, *no prelo*.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2 ed. 6ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2019.
- PRADO, Luiz. Nordeste, um quebra-cabeça feito de fome, elites e interesses: Professores refletem sobre a ideia do Nordeste como unidade, mapeiam suas origens e os interesses envolvidos. *Jornal da USP [online]*, Caderno Cultura, 2019.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Trabalho e trabalhadores na região do “mar de cana e do rio de álcool”. *Agrária*, n. 02, 2005, p. 2-39.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. A morte ronda os canaviais paulistas. *Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária*, v. 33, n. 02, 2006, p. 111-144.

SILVA, Patricia Regina de Lima. Entre andanças e lembranças: algumas reflexões sobre migração e história oral. *Canoa Do Tempo*, v. 12, n. 01, 2020, p. 104-123.

SILVA, Uvandererson Vitor da. *Velhos caminhos, novos destinos: migrantes nordestinos na região metropolitana de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 2008.

SOUZA, Regina Maria de. *Trabalho e vivência cotidiana no complexo canavieiro: a experiência do migrante nordestino em Iturama-MG*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social), Franca: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2009.